

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

REDACTORIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Assinaturas

ANNO. 74 francos
SEMESTRAL. 32 "
AVULSO. 1 "
No resto da Europa 14 francos por trimestre e 50 francos por anno.

2.^o Anno. — Volume II. — Numero 18.

PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 76, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO. C. B. 12,000
SEMESTRAL. 6,000
ANNO. PROVINCIAL. 14,000
AVULSO. 500



A VELHICE DO PADRE ETERNO

Agora de mão em mão, por Portugal e Brazil, causando as delicias dos Herejes, o desespero dos Catholicos, a raiva dos Padres e a admiração da Literatura, — o novo poema de Guerra Junqueiro. Os jornaes fallam até com espanto da rapidez com que a edição se esgota. O facto não me

surprehende. O auctor é um grande artista que o publico comprehende e admira. Lê-o e sustenta um penzão; e se em vez d'uma edição se não esgotam vinte d'um seu livro, não devemos queixar-nos do publico. Não é o publico que não compra — são os nossos editores que ainda não sabem vender, como vendem os editores francezes.

Porque o auctor me faz a honra de ser meu amigo de letras, *A Velhice* veio já ha muitos dias para cima da minha mæza. E hoje posso dar sobre o livro a minha opinião, depois d'uma leitura attenta, demorada, quasi sempre entrecortada de admirações e de risos. É que este bello poeta dispõe do alexandrino e das rimas d'ouro como se fosse um rico nababo oriental; tem no seu alcance imprevistas notas d'um lyrisimo delicadissimo, coloridas como certas estrophes de Musset e de Gautier, e alegres como certos trechos de Bizet e de Desliles; e a sua satyra vibra francamente no ar, como certas risadas de Voltaire e de Proudhon.

Vou pois dizer francamente o que penso acer-

ca d'este poema que é ao mesmo tempo um pamphleto; acerca d'este livro que é precioso como obra d'arte, mas que é irregular e fraco como obra de philosophia. É o que se segue vou dizel-o com tanta mais sinceridade e escrevel-o com tanta mais firmeza, quanto estou certo que Junqueiro ficaria mal comigo se eu lhe fosse chamar o que lhe chama agora toda a gente — « o primeiro poeta da Península » e « o equal de Hugo e de Juvenal ». No meu paiz ainda se não perdeu a mania das alcunhas... Aqui está o motivo porque diante de cada nova obra d'arte que surge, a Critica geralmente só sabe cehir de joelhos, e queimar incenso. Ora o primeiro dever da Critica — é ver se effectivamente ha um Deus para incensar!

O POETA

Na *Velhice do Padre Eterno* surge-nos a espago o mesmo artista, o mesmo Guerra Junqueiro que ensinou a ler á sua Musa nos livros de Hugo, de Musset, de Baudelaire, de Gautier

UM GRUPO CELEBRE



LICA DE QUEIROZ. — OLIVEIRA MARTINS. — ANTHERO DE QUENTAL. — RAMALHO ORTIGÃO. — GUERRA JUNQUEIRO.

e de Nerval — e que nós já conhecíamos da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias*.

Diz-se nos círculos literários de Portugal, que Junqueiro provém sómente de Hugo, que é apenas em Hugo que elle se inspira. É um erro. Quem ler attentamente os seus primeiros livros, ha de ver que no poeta também influenciou, e muito, este pessimismo *hyroniano* adocado tristemente por uma certa melancolia d'espírito que paira em quasi toda a obra de Musset; ha de ver a sombra de Gautier em certos versos d'uma factura toda plastica e toda sensualista; ha de deparar com o mesmo pessimismo de Baudelaire, que de novo se revela na

*Yalla courent — taca n'ajuta;
Meu cadavre sapiential,
Aunde a lualta erapaluta
É un laqui vito do hospital,*

*E onde as luvras probolarias
Deroram — liguibres festim! —
Craneos de luvras, natras de parias,
Carcaças pódres de arlequins.*

ha de encontrar-se com as mesmas visões de Nerval, chimeras do azul que passam aos bandos... aos bandos... por sobre as nossas cabeças, perfumando o ar com as suas tranças d'oiro — mas que só os poetas, creaturas dotadas d'uma segunda visão, sabem ver e sabem cantar.

Eu não faço bem uma ideia do espanto de que ha de ser possuído um pacifico e circumspecto leitor, ao deparar com estes dois versos:

*O olmos que viveu puras, immutadas
Na torre de leão da graça e da illusão.*

E comtudo estes versos são adoráveis, d'um contorno, d'um colorido, d'um rythmo encantadores. É que a Poesia é como o Amor. Prova-se, gosta-se, — mas não se define. Poesia é Poesia; é um coração, uma alma, um cerebro, uns nervos, um organismo inteiro pôsto em vibração, e uma penna marcando essas vibrações todas, sobre o papel, febrilmente, como um aparelho de telegraphia. Quando a Poesia não é isto — não é nada! E se tem tudo isto, menos cerebro, ou menos coração, ou menos alma, é muito pouco, é quasi cousa nenhuma. Ora Junqueiro tem tudo isso!...

Não imaginem agora que vou n'um elogio pagado até ao fim. Logo fallaremos do lado fraco do poema...

O mesmo lyrico e o mesmo pantheista da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias* surge-nos de quando em quando nas paginas da *Velhice*. Mas n'este livro a sua poesia não traz nem a mesma largueza de voo, nem a mesma vastidão d'horizonte. Já não é aquella innundação triumphal de bellos e rijos Alexandrinos como os dos primeiros tempos, nem a altiva cavalgada das formosas e provocadoras Imagens d'outora, deixando atraz de si o ruído glorioso e sonoro das suas rimas de prata e de crystal. A *Velhice* do Padre Eterno obrigou o artista muitas vezes a fazer calar o Coração e a Phantasia, para apenas pensar no pamphleto que o herenje havia de ultrar á cara da Igreja... E é por isso que se sente um infinito prazer ao deparar de tempos a tempos com versos como estes:

*Abans, unis de fé, de caridade, e de amor;
Vaso d'alto catendo aberto no leito santo*

ou como estes:

*Vindas-nos da montanha os zangões das valdeiras,
E a tua brasa, além, por entre os olivieiros,
Grossa a alma d'un fado, la em trinta do céu!*

ou como estes:

*O velho adeles, exhaustos do fadiga,
Que andas de sul a sul na terra a morrer,
Bembar-las de tua alma a roça crua antiga
Seria como quem embalsam a uma vendiga
As trez achas que levo á volta para o lar!*

Ah! que é este Junqueiro que me falta na *Velhice*, é este extraordinario artista que eu vejo desaparecer do livro, para ceder o lugar a um pamphletario, cuja obra nenhum facto social hoje provocou! Faltam-me o poeta da *Morte de D. João*, onde ha versos que causariam surpresa a Baudelaire; faltam-me o delicado poeta da *Musa em Férias*, o delicioso pintor das Naturezas d'abril e das crianças alegres, e louras, e cor de rosa,

*... o corpo fático de nenho
... a alma frida d'ancora*

escrevendo paginas que n'uma bibliotheca d'amador serão sempre collocadas ao lado das mais bellas das *Chansons des rues et des bois* e de *L'art d'être Grand-père*, de Victor Hugo...

Faltam-me finalmente — Guerra Junqueiro, o antigo!... E se não tivéssemos na *Velhice* o poemeto *O Melro*, e a *Arvore do Mal*, e a *Locomotiva*, e certos pedaços de certas poesias onde o pamphletario não poudo por mais tempo resistir á luta travada entre elle e o artista — da *Velhice* pouco ficaria para regalo d'aquelles que acham extemporanea esta sôva na Igreja, nos Papas e nos Padres, e que no livro apenas querem admirar a pura obra d'arte. Sobretudo resta-nos *O Melro*, que abre victoriosamente assim:

*O melro, no convulso
Era negro, alvino, loquido,
Modrango, ferial;
Lago de azul tido
Concepsa a volta d'entre o arvoredo
Verdadeiras vozes do erguido,
E assim que o pinto cora abria a porta
Que ali para o parao,
Rapiando umas fadas trovas,
O melro d'entre a floresta
Disparou: « Bom dia! »
E a talha pedia cura
Não gasta d'aquellas correções.*

E assim começa com tanta graça e tanta ligeireza e tanto brilho, para depois terminar no negro e dolorido drama que nós todos lemos com o coração constrangido pela dor...

O POETA SATYRICO

A parte mais brilhante da *Velhice* é aquella em que o poeta dá largas á sua satyra. É mesmo a parte mais importante do novo poema, por que nos deixa ver Junqueiro á vontade, inteiramente á vontade n'esta outra feição em que tanto se compraz o poeta. Eu estou mesmo em affirmar que as duas unicas feições da poesia de Guerra Junqueiro são o *lyrismo* e a *satyra* — o mesmo *lyrismo* que tanto abunda na obra de Hugo, e uma *satyra* que eu não encontro em nenhuma pagina do poeta dos *Châtiments*, tendo de subir até Voltaire para ver quanto ella vale, se o ouro é effectivamente de lei.

Poeta lyrico e poeta satyrico, Guerra Junqueiro, d'entre os modernos, é dos mais eminentes. Na nossa litteratura, o seu lyrismo é muito mais humano, muito mais vivido, que todo o lyrismo dos nossos Romanticos; é um dos raros poetas portuguezes cuja satyra não precisa procurar o termo baixo ou obsceno para fazer rir a multidão.

A *Velhice* está cheia de exemplos preciosos. As vezes, lembra as ironias do *Examen important de milord Bolingbroke*, de Voltaire, e das suas polemicas em prosa e verso sobre a Reli-

gião, d'aquelle Voltaire do epigramma imitado da Anthologia:

*L'ameur fait un fond d'un raillon
Un serpent pique Jean Féroce,
Qui pousse-vas qu'il arriva?...
Ce fut le serpent qui creva!*

outras vezes, tem repentines, ápartes, ditos, exclamações e imprecacões que lembram Proudhon. Junqueiro, na sua poesia satyrica é admiravel, dispondo d'uma verve que eu só hoje encontro em França nas chronicas de Rochefort. Porque afinal de contas a *Velhice* é uma terrivel *Lanterne* em verso, contra os padres! E as suas satyras mais preciosas e mais duradouras são a *Circular*, as duas *Ladainhas*, a *Benção da Locomotiva*, e a *Sêsta do sr. Abade*.

Diz Voltaire a Jesus:

*La vie pagando au pain et au sang Judas
Que sâti, como te vê, amannador de Christo!*

E ainda Voltaire quem falla:

*O rico, meu amigo, é bom como a pimenta,
E a defalta que tem é ser um pouco caro.*

Mais adiante fallando de Londres:

*Opulenta Gouerra hidrográfica de rio,
Que Deus não creysem talvez, como costuma,
Porque, além de estar cara o estorço, Deus em suma
Já não pode arriar-se em foga d'artificio!*

Na carta ao Nuncio, ao fallar do seu Deus de que este é o herenje e o poeta o crente, um Deus que não tem lista civil, Junqueiro acrescenta:

*Nos muctos para dar pelas mãos da Europa
Eis d'ouros talles e esplendidas chufas,
Folhas onde se acce o Euzeglio com trufas,
A Bíblia com champagne, e a alma de Jesus,
Bem pinda, recolhendo as fadas e as perlas!*

E a *Ladainha moderna* termina com esta endiabrada quadra:

*S. Vach-a-não — realta este deço,
S. Vach-a-não — ingenuo e humorto;
S. Vach-a-não — faz do universo um queijo
S. Vach-a-não — e faz de nós um rato!*

Mas nada chega em brilho, em graça, em phrase facil e ligeira, em ironia vestida no mais justo numero de palavras, a esta esplendida *Circular* que começa:

Deus e Filho. Boaz da fé. Venda forçada.

E segue-se a *réclame* e as virtudes de cada um dos artigos annunciados. *Agua de Lourdes*:

*Uma perna impudica unta-co, e em dois instantes
Torna a crescer e fica ainda mais que dantes.
...
...
... Uma vez uma morte tann-a,
Espéran e jivon hincrazmente bala!*

Mas tenho que parar com as transcripções, para d'aqui a pouco não me decidir a publicar quasi todo o livro. O que se vê é que em Junqueiro ha um grande poeta satyrico que espera momento mais propicio para se revelar plenamente, um neto de Voltaire que ainda nos ha de assombrar com outro poema que não seja contra a Igreja, porque hoje a Igreja já nada faz que possa provocar um livro tão inflamado. Outros inimigos mais terríveis se erguem agora diante de nós que é preciso combater — a Prostituição, o Proletariado, esta mesma Banalidade que parece querer governar o mundo, e que Flaubert combateu na *Madame Bovary* e na *Education sentimentale*. A Igreja, essa, faz lembrar os lagartos mordendo nas abas d'um chapéu e ahí deixando os dentes. Os dentes já

os perdeu ha muito, e hoje a lagrima tornou-se inoffensiva...

O FIM DO POEMA

O fim a que se propõe o *Velhice do Padre Eterno* é desacreditar no espirito publico a Egreja e os padres. E por isso que todo este poema é formado de passagens onde muitas vezes, não a boa e espontanea satyza, mas a heresia d'aquellas a que imprópriamente se chamam « livres pensadores », é metida á fôrça para arrebatar o padre, e fazer empalidecer todo o leitor em cujo espirito ainda habita uma vaga poesia christã, feita de clemencia, de resignação e de fé. O livro fez-me lembrar as *blasphemias* de Richépin, quando o poeta para escandalizar todos os sentimentos humanos, diz que uma creança não passa de:

Un grand globe arrosé d'un Parné

e que as lagrimas, mesmo as lagrimas de mãe, não são mais do que:

Il est si, sous un air et d'opacité d'écume

Ore quando a poesia quer atingir o successo por meio destas preocupações, perde-o inteiramente, porque lhe falta a qualidade primordial para o successo — a espontaneidade. Nenhum de nós precisa recorrer aos poemas para saber o que é um spermatozoide, ou a composição chimica da lagrima. O que nós desejamos, é que os poetas nos fallem dos maravilhosos rythmos e afinidades de sentimento puro que resultam de todas estas combinações dos phenomenos materiaes; é que elles nos fallem da grande alma que existe em toda a Natureza e do seu vastissimo ideal, para nos fazer esquecer este immundície chimica sobre que assentam todos os phenomenos da vida.

Entre a *Velhice do Padre Eterno* e as *blasphemias* de Richépin, ha affinidades de ponto de vista que é necessário não desprezar. A *blasphemie* é irmã gêmea da heresia, e os dois livros hão de soffrer do mesmo vicio de *chic*, quando quizermos estudar apenas o valor intrinseco da obra d'arte.

Richépin quiz ser um atheu, atacando todos os preconceitos e todos sentimentos bons do seu tempo. Junqueiro n'um paiz essencialmente catholico, mas catholico á boa maneira, procura tambem offendir todas as almas. Para que? Para destruir uma religião? Mas Junqueiro tambem tem a sua; tambem tem o seu Deus, o Deus dos herejes que é afinal o mesmo Deus da Egreja apenas com algumas differenças de scenario; e que era já o Deus ou o ideal de Voltaire, d'este Voltaire com quem Junqueiro é immensamente injusto quando lhe chama — *antiquitista*, *semi-deus-garçonne*, e quando diz:

Tu es, fils de l'air et de la terre, le fils de l'air et de la terre, le fils de l'air et de la terre.

Sim, senhor. Mas se não fosse o *antiquitista*, o *semi-deus-garçonne* que preparou 93, nós estaríamos ainda hoje sob o jugo d'uma Egreja absorvente, nós não leríamos lido nem Proudhon, nem Victor Hugo, nem o proprio Richépin, e o meu caro Junqueiro não escreveria hoje tão livremente o livro inflammatorio que tenho diante de mim.

Voltaire é que deu coragem, a coragem da ideia, a todo o seculo xix. Livros de Proudhon, lategos de Victor Hugo, blasphemias de Richépin, heresias de Junqueiro — nada d'isso teria existido se o auctor de *Brutus* não escrevesse os seus trabalhos de philosophia geral, de Moral e de Religião, se elle não tivesse escripto o *Exame importante e as Questões de Zapata*.

Mesmo o que Victor Hugo disse contra a Kárga e contra os Papas, mesmo algumas das heresias que profetis e que iam de encontro ao seu visivel destino tão profundamente poético e tão profundamente humano — não *procham* nem arreio, nem coragem. Arreio e coragem teve-os Voltaire, n'um seculo todo cheio de preconceitos, quando Roma era ainda a Roma orgulhosa, triumphante e temida, quando cada Papa era uma especie de *van Dismarck* da actualidade, dando ao Kárga o golpe mortal, arrebicando a cadeia, arrebicando o exilio, mas fazendo do Papa esse cadaver que mais tarde Garibaldi e Victor Manuel enteraram justos na cova do Vaticano. Onde Victor Hugo mostrou coragem, foi somente nas luctas que sustentou contra o debaixo do segundo império, vendo-se obrigado a fugir para Jersey, escrevendo lá a *Trinca verda*, essa soberba poesia que termina por esta macabrilhosa quadra dos exilados, que toda a França sabe de cor:

*Si l'on se pût arracher la tête à son cou,
Et si l'on se pût arracher le cou à son cou,
Et si l'on se pût arracher le cou à son cou,
Et si l'on se pût arracher le cou à son cou.*

Aqui, é que toda a sua coragem se revelou, foi aqui que elle mostrou que estava prompto ao sacrificio e a morte pela sua ideia, continuando implacavelmente a cravar o punhal vingador sobre o coração desse Império pelitico!

Mas que pôde affrontar Guerra Junqueiro com o seu poema? Qual seria o governo bastante corajoso para metter no cadavre, para lhe fazer um processo, por atacar assim a religião do Estado? Nenhum! Se o proprio representante de Roma se lembrasse de pedir uma satisfação ao ministro dos Estrangeiros pela carta Ao Nuncio Masella, o Nuncio corria o risco de ser corrido a esbofeta. O espirito clerical já não tem a influencia sobre o publico que o poeta parece crer reconhecer-lhe. Repare o poeta no que se passa nos nossos egrejos. Para que a multidão entre, é necessário que lá dentro o espectáculo seja realmente famoso — que a egreja seja theatro, e mais nada!

O seu pamphleto é uma deliciosa *blague* escripta em momentos de bom humor, é hora do café e do charuto. Ideias suggeridas por entre a palestra viva dos amigos, poetas que não podem ser filhos d'uma nobre indignação — porque nem Roma domina, nem a Nação, nem o sr. Padre Senna Freitas nos impõem a sua vontade. E que affronta Junqueiro? A ira dos padres? A indignação do sr. Cardinal Patriarcha?... É a historia dos lagartos. Lá perdecam todos os dentes nas abus d'um chapéu. E o paiz, em vez de se indignar, lta de ler com prazer aquelles versos — e até o ministério e Sua Magestade Fidelissima hão de saborear com gula algumas das famosas heresias!... Em vez da indignação, os applausos; em vez d'um processo, da cadeia, ou do exilio, talvez as felicitações proprio monarcha que em muita conta tem a litteratura da nossa terra.

Combater hoje a Egreja e o Papado, é tempo perdido. São cadaveres que nem mesmo um milagre de Deus os faria ressuscitar! É por isso que o fim principal da *Velhice do Padre Eterno* é perfettamente inutil. Para destruir a superstição que ainda reste no espirito popular, basta-nos a eloquencia das linhas ferreas, cortando os campos, e das linhas telegraphicas, cortando os ares. A proporção que a Arte, a Litteratura e a Sciencia vão entrando no espirito do povo, vai de lá sahindo pouco a pouco o vaso da ficção religiosa. Atacar um Deus ou Deuses é admitir a sua existencia, o que é um erro, porque faz surgir a duvida. O poeta terá razão, ou não terá razão?... É o proprio poeta tambem cre n'um Deus? Para quê?... Mais vale crer na força do homem e nas forças da Natureza. É mais preferivel, quanto a mim, o ideal optimista da grandeza do Homem pelo

seu trabalho e pela sua intelligencia, do que o ideal optimista d'um Deus, logo que

que o poeta nos faz impiar, e em que, além de contos, não temos necessidade alguma de petisar porque passamos pertencidamente sem elle.

Se se deseja opprimir um culto, um culto que comu deitara séculos. Tãlade, é necessário que os senhores reformadores pensem em substituir o por outro. Tãlade, sociedade e compo a poesia, é como toda a Arte, que não pode viver sem um ideal.

No pobre camponez que via humildeamente assistir ao santo sacrificio damissa, se lhe perguntarem porque ali vai, porque passa assim uma hora do dominio que elle poderia differenciar inteiro ao repouso do corpo — não saberia explicar a razão. Não é o costume, nem a tradição que o impellam; é a sua alma, a sua alma que o obriga a entrar com mais respeito e com mais submissão no egreja, do que na sala d'um tribunal. E o bom philosopho poderia então ver que todo aquillo gente que se ajoelha diante do altar sem saber bem por que; é porque tem o instinto dos cultos humanos — o culto do amor da patria symbolisado no amor de Jesus pelo seu povo. E todo o christão, desde o mais ignorante até ao mais civilisado, sente e advinha que até o sangue de todos os sacrificios, o que o sacerdote ergue no caliz, para o Deus do consócio! « Ora o genio humano, cujo ideal é formado de Amor e de Caridade e de Justiça, só tem encontrado a glorificação d'esse ideal, apesar de todos os artilhões de Roma, sob as cupulas sonoras das cathedraes... »

E o culto que hoje nos convém, aquillo para que é necessário encaminhar o povo, é para a adoração da Patria e da Intelligencia livre. Mas então vamos cabir no Pantheismo? E porque não?... A apothese de Victor Hugo veio pravar á Europa que a França está em vespere de pregar o culto de Jounna d'Arc, ao de qualquer santa da Gôrte do céu. É o centenario de Camões? Não será uma expressão brilhante do pantheismo moderno, ligada á grande religião da Patria?... Mas então voltamos aos tempos antigos? Não! Voltamos á Verdade, que de tempos a tempos tem andado suffocada pela pagina de historia.

E deixemos em paz os Padres, e os Papas. A sciencia deu cabo d'elles, e quando a Instrução tiver chegado ao seu auge, e quando todos os poetas eminentes, como o nosso querido e illustre Junqueiro, se reunirem para entoar o hymno da Humanidade redimida pela Sciencia e pela Arte, então haremos de assistir uma nova Reforma — não a uma nova Renascença — e os povos hão de ser felizes mais cedo do que nós julgamos.

E deixemos, grande e satyrico poeta, em paz o Papa. Porque hoje o Papa — o illustre auctor da *Velhice do Padre Eterno* — não passa d'um infimo empregado do Céu, pedindo protecção á lutheriana Alemanha, e querendo conquistar a amizade da proeminente Inglaterra.

O Papado, afinal de contas, acaba por nos inspirar piedade!...

MARIANO PINA.

P. S. — Na minha proxima Chronica me occuparei de outro livro que recibi depois do *Velhice do Padre Eterno*, e que neste momento adquire realissimo interesse em Portugal. Albullo no volume d' *Práxima*, de Ramalho Ornelas.

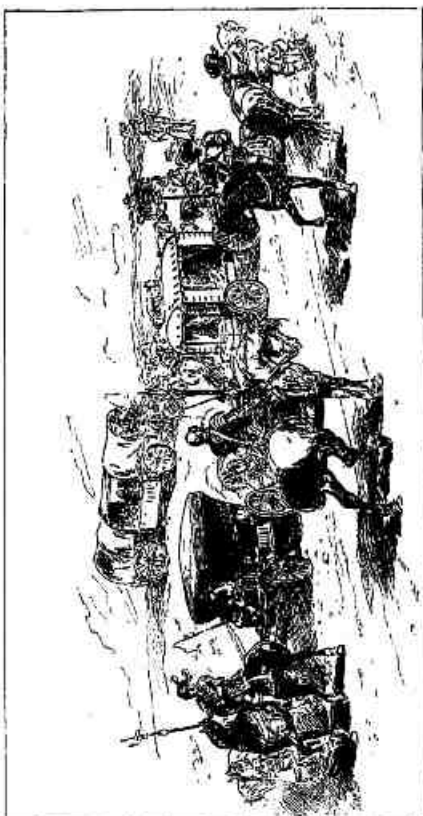
M. P.

A Intelligencia publicará no proximo numero um bello conto do seu brilhante collaborador Fialho d'Almeida. Titulo: *Neumes no Bosque*.



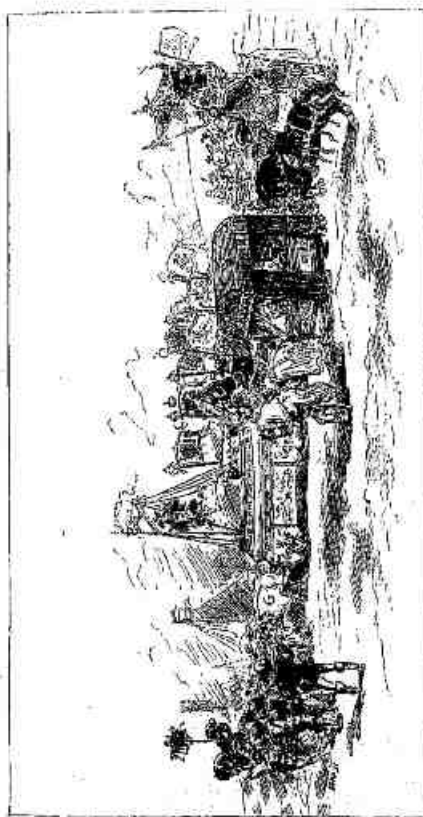
Primeiro período. — Tempos primitivos

Trenda. — Cavallos da condução. — Carro de bois com escolta



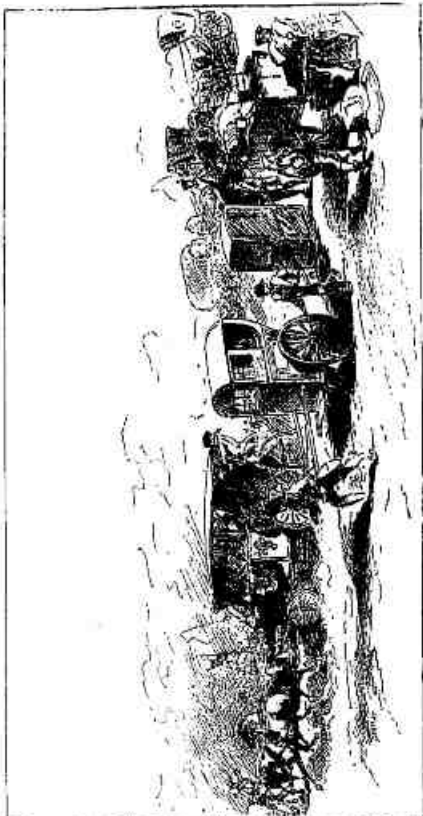
Séptimo período. — Reinado dos archiduques Alberto e Isabel. — Século XVII

Carro á Rubens escolhado por cavalleiros. — Carros á moda d'Anvers



Sexto período. — Época do domínio espanhol. — Século XVI

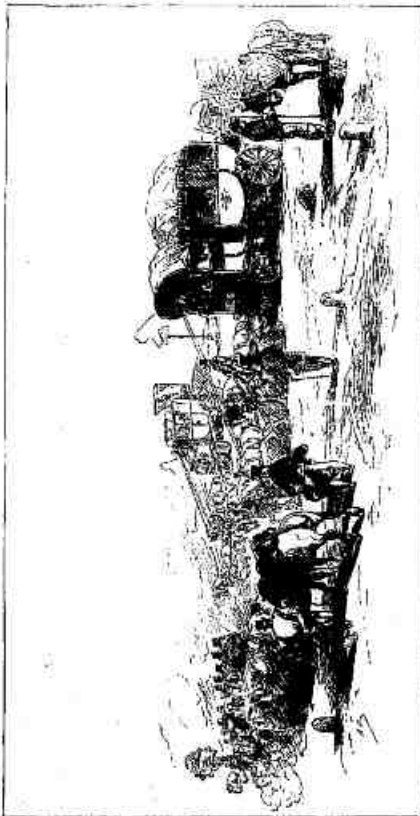
Musica de infantes. — Barco farenho o serviço do canal entre Bruges e Gand. — Liteira.
Carro de musica dos negociantes



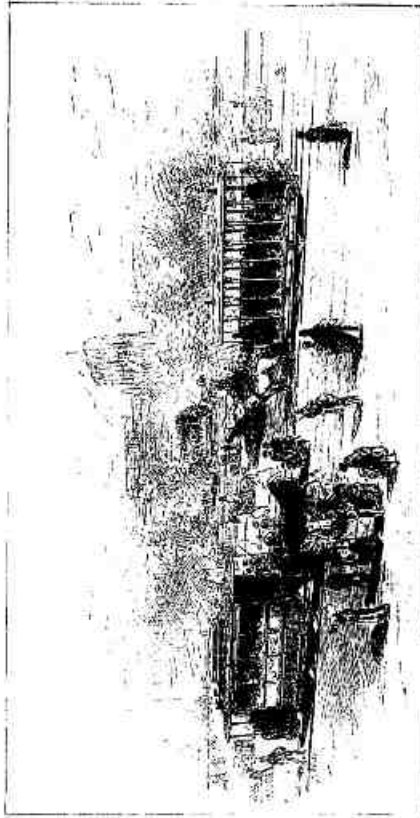
Oitavo período. — Época da dominação austriaca. — Século XVIII

Carro de viagem escolhado por dragões do Latour. — Liteira. — Coupé de viagem

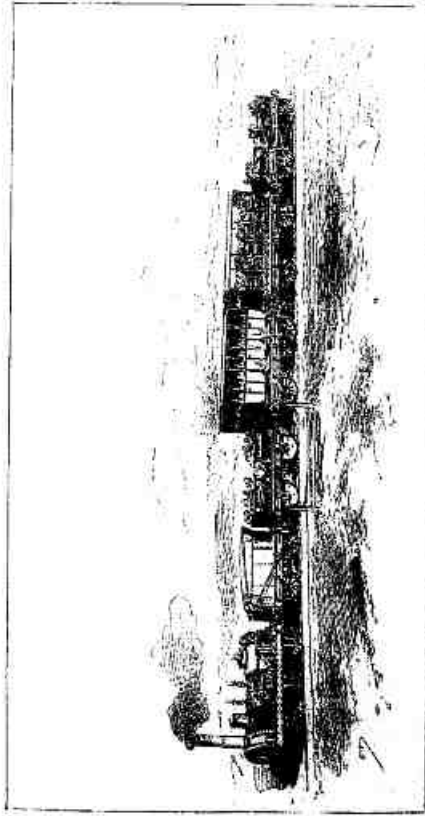
BRUXELLAS. — O QUINQUAGESIMO ANNIVERSARIO DOS CAMINHOS DE FERRO BELGAS. — O CORTEJO HISTORICO DOS MEIOS DE TRANSPORTE



Nono periodo. — Reunido de Napoleão e de Guilherme I dos Países-Baixos (1890-1890)
Festa de paz. — Coupé e malha post. — Bilgencia (1897)



Decimo periodo. — Reino da Belgica
Tramways de Bruxellas



Decimo periodo. — Reino da Belgica
Comboys de 1835



Decimo periodo. — Reino da Belgica
Apellese dos caminhos de ferro. — A Jogo da triancho

BRUXELLAS. — O QUINQUAGESIMO ANNIVERSARIO DOS CAMINHOS DE FERRO BELGAS. — O CORTEJO HISTORICO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

no balcão grande e no tumbal, que não subindo para o alto, e
no peixe fresco que principia a chiar em abito nas barbas;
Cai de lado entre a rimpa do pedestal e a rimpa das alfinetes,
Com a pipa ao fundo na fureta do Cervo, ao pé das hals que
reunem ^{do lado} um do outro, enquanto os Chaminetes buscam
a chula e os outros da via sacra e os foguetes escarapucham
o ar do espaço reclinando no Céu sem estalar e sem
brônco de fumo!

Mamamé Utiúgu

UM TRECHO DA "HISTORIA ROMANA"

gelava-se n'essas alturas, Era raro o ar, ^{placido e limpo} ~~castanho~~ o céu,
e as platéas dos montes alvissimos ^{as finíssimas} com ~~as~~ nevedas do
outono cegavam. D'ali contemplava Annibal o pan-
orama da Italia descurado a seus pés — o Po, o App-
ennino, depois, para além, Roma! — o juramento que fizera
a seu pai, o seu odio eterno, a sua grande ambicão de
imperio e gloria! As aquias esvoaçavam em torno do
acampamento e o Doria descia rapido como uma
cascata...

Oliverio Martin

DOM SEBASTIÃO EM ALCobaça

(Ao sr. JOAQUIM DE ARMAJO)

No vetusto mosteiro entrava a comitiva
Do cavalleiro-rey. As plumas abajantes
Ondulavam de manso a aragem fugitiva.

Desinhava o primor das armas scintillantes,
Dos rendados broqueis, das espuras de prata,
De longos espadins e rutilos diamantes.

Primorosos gibões de atida escarlate,
Recobriam o corpo dos nobres cavalleiros,
Em cujo rosto mesto a força se retrata.

Cercado com amir, dos valentes guerreiros
El-Rey cimiava audaz, erecto e magestoso,
E saudava sorrir os mages prazenteiros.

O templo do mosteiro era então silencioso.
Do sol a intensa luz entrava subtilmente,
E a fronte illuminava a um Christo primoroso.

Porém el-Rey entrava e logo mansamente,
Uma dúca harmonia, exrta e suspirosa
No órgão soluçou, tristissima e plangente.

Então elle curvou-se, e a corte respeitosa,
Por terra se postrou n'uma attitudo tanta,
Para os céos dirigindo a prece fervorosa.

D'el-Rey a um gesto rude a corte se levanta,
E seguindo-o submissa, attenta e dedicada,
Pelo templo immortal heroica se adianta.

Junto parou el-Rey da campa venerada
De Pedra, o justiciero, e logo, do repente,
Arragante soltou enorme gargalhada.

E ao morto Rey lançou, convulsivo e tremente,
Vivas imprecções. N'um laico desatino,
Ultraja e vitupera e zomba cruelmente.

Entretanto na cerca o caustico argentino,
Palpitante d'amor, das aves namoradas,
Juntava-se ao rumor do arroyo crystallino.

Mal terminara el-Rey as fallas iveritadas,
Que ao morto dirigira, implacavel e feroz,
O silencio reinou ao longo das arcadas.

De subito, porém, um velho monge austero,
Dirigindo-se ao Rey, severo e magestoso,
Esta falla soltou, n'um tom duro e severo:

— « Principe, sois cruel! » é feito vergondoso,
Dizer palavras taes a cingis veneradas,
D'um justiciero Rey, amante e gloriado.

Faréis bem, Senhor! em seguir-lhe as pisadas,
Imitar-lhe o saber de austero governante,
Querido ás multidões por elle governadas.

Mas sendo respeitais a perda lancinante,
Que ao morto tritura o nobre coração,
Ao menos venerai o látego possante.

Que tanta e tanta vez lhe fulgurou na mão!

ALFREDO ALVES.

Porto 1885.



O PASTOR. — Quadro de J. J. — Gravura de Langeval

15, rue de la Harpe - 1150010
 15, rue de la Harpe - 1150010
 15, rue de la Harpe - 1150010

L'INTRANSIGEANT

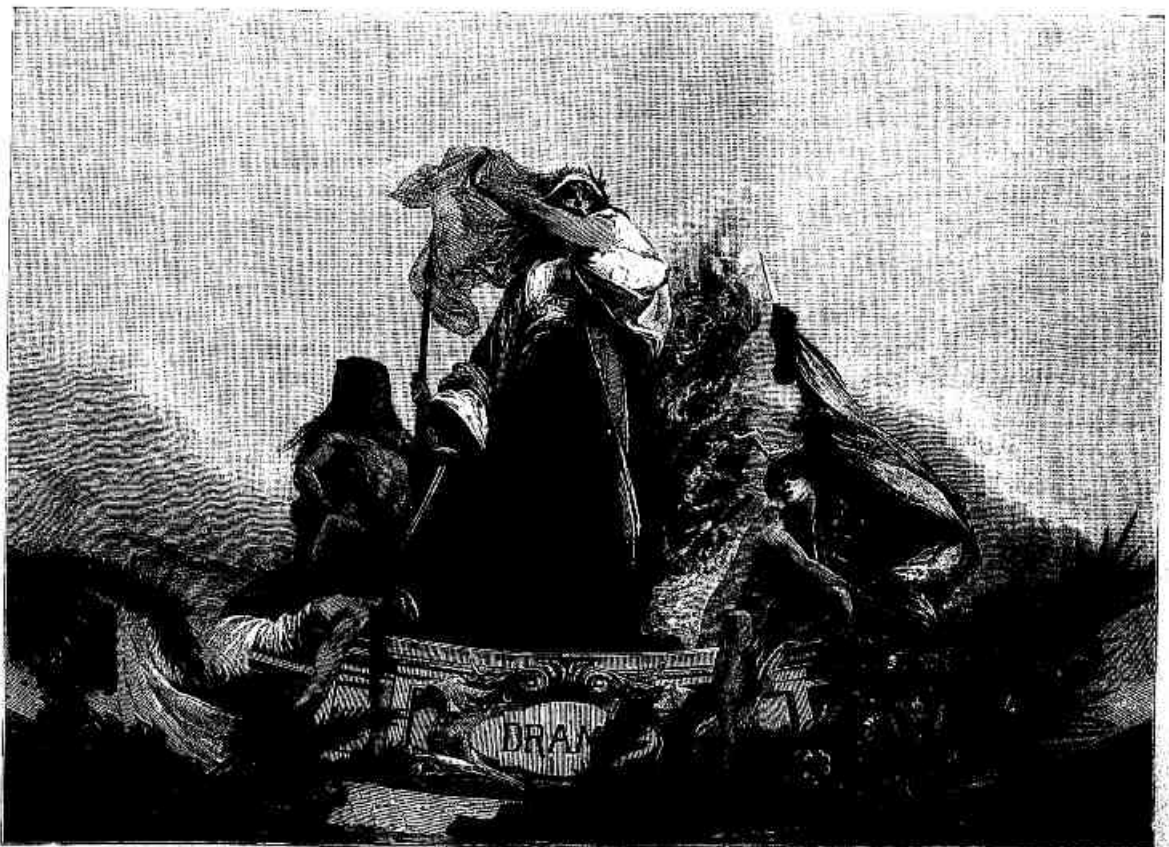
REDACTEUR EN CHEF HENRI ROCHEFORT

PREMIER MEETING DE PROTESTATION

<p>COLONIA MEETING</p> <p>Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale. Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>LES ANCIENS</p> <p>Les anciens de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>INFORMATION</p> <p>Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>LES ANCIENS</p> <p>Les anciens de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>INFORMATION</p> <p>Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>LES ANCIENS</p> <p>Les anciens de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>
<p>LES ANCIENS</p> <p>Les anciens de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>INFORMATION</p> <p>Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>LES ANCIENS</p> <p>Les anciens de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>INFORMATION</p> <p>Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>LES ANCIENS</p> <p>Les anciens de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>	<p>INFORMATION</p> <p>Les journaux de la presse coloniale ont tenu hier soir, à la salle de la rue de la Harpe, une réunion de protestation contre la loi de répression de la presse coloniale.</p>



JORNALISTAS E JORNALISTAS. — O « INTRANSIGENTE », REDACTOR EM CHEFE HENRI ROCHEFORT



O DRAMA. — COMPOSIÇÃO DE G. CLAIRIN



UM GRUPO CELEBRE

Um ano passado, pelo verão, almoçaram juntos no palácio de Crystal do Porto: Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Anthero do Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Um d'elles, á sobremesa, exclamou:

— E se fossemos fazer o retrato?...

A proposta foi recebida com applausos, e pouco tempo depois sentavam-se diante da machina photographica, diante d'um photographo que nem de leve desconfiava quem eram aquelles cinco figurões — cinco celebridades das que mais honra fazem a Portugal, e que fariam tambem honra a outro paiz como a França ou a Inglaterra se ali tivessem nascido.

Porque já não ha duvidas sobre este ponto: que são homens superiores, que são espiritos acima e muito acima da vulgaridade intelligente, os que produziram: o *Crime do Padre Amaro*, o *Portugal contemporaneo*, as *Odes Modernas*, as *Farpas* e a *Massa em Perigos*. São esses cinco, os que os senhores ali voem sentados.

Difficilmente se encontra um grapo que seja tão sympathico a Portugal e ao Brazil. Trabalharam todos para o mesmo fim; cada um d'aquelles homens fez a sua revolução, libertando os espiritos dos prejuizos e das rotinas de 1830; e ácerca de cada um d'elles já se não levantam discussões; e se alguém se atreve a discutir-lhes o talento, o unhojo é acolhido á gargalhada pelo publico dos dois paizes onde se falia a nossa lingua.

Todos são unanimis em applaudir-lhes — porque são produtores e poetas de primeira grandeza.

O grapo é raro. Foi um dos retratados, o nosso querido amigo e illustre collaborador Eça de Queiroz, quem nullo confiou. E a Illustração mandou gravar por um outro seu collaborador illustre, por Ch. Baude, o eminente artista que no nosso jornal tem assignado tanta obra-prima. O gravador tratou estas cinco cabeças com rara habilidade. Todas ellas conservaram religiosamente as exactas expressões, e em cada uma d'aquellas physionomias parece que se está lendo a alma de cada um d'aquelles artistas. É uma pagina que estamos certos que se vir ohaada com grande curiosidade pelo nosso publico, tanto mais que neste momento, dois dos retentados attiraram para o mercado com dois primorosos livros: *A Velhice do Padre Eterno* e *A Hollanda*, os dois famosos livros de Guerra Junqueiro e de Ramalho Ortigão, que ora andam em todas as mãos. E d'aqui a pouco tambem estará á venda *Os Maias*, o novo romance de Eça de Queiroz.

A nossa gravura portanto não podia ter maior actualidade.

Quando estas cinco celebridades se encontraram no Porto, Ramalho Ortigão escreveu ácerca d'esto *ronde-vous* do escriptores um precioso artigo, uma pagina deliciosa com todas quantas saem da penina do illustre auctor de *A Hollanda*. É donde nós arrancamos as seguintes interessantes periodos:

O meu amigo Eça de Queiroz, que tem andado com-migo, com uma maleta e com uma resma de papel, a procurar pelo reino um sitio limpo de massalouros, de moscas e de cozinheiros atrevidos, para ali acabar de escrever *A religião*, romance destinado ao folhetim da *Gazeta de Noticias*, chegou-me hoje da Granja, onde por espaço de dous dias applicou aos phenomenos sociocles e monoclitos da analyse; mas nada pude arrancar de seu peito discreto ácerca da invigila de castas, que surdamente me dizem agitar a psychologia e banhos nessa praia.

Ao sentarmo-nos á mesa para almoçar juntos no restaurante do palácio de Crystal com Anthero do Quental,

Guerra Junqueiro e Oliveira Martins, subimos apenas que no club da Granja o nosso amigo perdeteu na vespere a aposte de um loque n'uma partida da bilhar com uma das bandistas. Uma das condicções da aposte, era que o loque seria escripto pelos amigos com que Eça de Queiroz tinha de vir almoçar no Porto.

A sobremesa fizemo-nos, pois, servir um distaio e uma papa de cozinheira, e entre a papa e o quajjo, o loque, de setim côr de ouro, ornado de uma aquarella reposentando um grapo de cinco chefes, ficou escripto do seguinte modo:

Por cima dos cães, este distaio: — Os auctores.
Do lado opposto, a rubrica e o texto que passo a transcrever:

OS LATIDOS

I

Quem muito latida, pouco aponta. — Anthero do Quental.

II

Escripitor que ladravaio morde. — Oliveira Martins.

III

Dentada de critico curra-se com pallo do mesmo critico. — Ramalho Ortigão.

IV

Cão lyrico ladra á lua; cão philosopho aboca o melhor osso. — Eça de Queiroz.

V

Cão de letras — Cachorro! — Guerra Junqueiro.

ENVOI

São cinco cães, sentinelas
De bronze e papel almanco,
De bronze para as cavellas,
De papel para o regaço.

(Assignado) á matilha.

Tambem por essa occasião Anthero do Quental escreveu n'um album os versos que em seguida transcrevimos. Os versos de Anthero são tão raros e tão preciosos que julgamos do nosso dever publicar estes tercetos que até hoje só appareceram na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, sendo portanto inéditos para Portugal:

A CASA DO CORAÇÃO

O coração tem dois quartos:
N'ollos moram sem se ver,
N'um a Dôr, n'outro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto,
Acorda cheio de ardor,
No seu adormecido a Dôr,

Cuidado, Prazer! cante!...
Falta e si mais devagar,
Não vás a Dôr acordar!

Não nos foi possivel, como tinhamos desejado, arranjarmos á ultima hora as notas precisas para fazermos uma larga biographia com datas, de cada um dos nossos illustres retratados. Mas vamos indicar a traços largos a vida de cada um d'elles:

EÇA DE QUEIROZ

Bacharel em direito. É um « senhor doutor » como se costume dizer. Foi jornalista politico em Evora, homem de *artigo de fundação*. É um viajante apaixonado, que tem corrido a America do Norte, o Egypto, onde assistio á inauguração do canal de Suez, que conheceu a sua Inglaterra e a sua França como o seu Portugal. Foi cônsul de Portugal em Havana, depois em New-Castle, agora em Bristol. Foi o primeiro cônsul que fez com que se vendesse avulso o *Diário do Governo*. Mas não foi aqui que elle teve

os seus primeiros successos. Foi na *Gazeta de Portugal*, de Teixeira de Vasconcellos; depois, e os mais brilhantes, com Ramalho Ortigão nas *Farpas*; depois com o famoso romance *Mysterio da Estrada de Cintra*, publicado no *Diário de Noticias*, em collaboração com Ramalho. Por ultimo, escreveu duas grandes obras — *Cinco do Padre Amaro* e *Primeiro*. Não é academico, o que não impelle que dos seus livros se façam tiragens de 10,000 exemplares. Agora revid as ultimas provas dos *Maias*, novo romance em dois volumes.

OLIVEIRA MARTINS

É um engenheiro, é um finansiro e é um historiadore como ainda não havia em Portugal, á maneira de Taine. Os seus livros de historia, principalmente o *Portugal contemporaneo*, fizeram escandallo porque não eram escriptos em estylo academico. É um artista e um critico apanhando o personagem e pintando-o e discutindo-o com a mesma serenidade e a mesma independencia d'um romancista fazendo a autopsia d'um typo. Oliveira Martins escreve historia, como hoje se escreve o romance e o drama. Possui um estylo e uma critica que lembra por vezes Proudhon amonestado por Taine e por Luiz Blanc. Na serena imparcialidade dos seus livros quizeram ver uns, um miguealista, outros, um socialista. Oliveira Martins é apenas um independente. E deu provas d'isso quando ha pouco, consideremlo como um dever occupar-se mais directamente dos destinos do seu paiz, não hesitou e uniu-se a um grapo politico, e a fundar um excellente jornal a *Provincia*, no Porto, terra da sua residência. E ali, dia a dia, continua a sua obra de critica e de revolução, para ver se pode cooperar e precipitar um certo renascimento da nacionalidade portugueza, de que já se sentem os primeiros prunidos na litteratura, na arte, na sciencia e nas industrias. Oxali que a sua campanha produza os resultados que nós todos esperamos com ansiedade.

ANTHERO DO QUENTAL

O extraordinario poeta das *Odes modernas*, um dos mais poderosos cerebros de Portugal. Foi elle que deu batallha, com Theophilo Braga, á escola de Castilho, a escola fidebista antagonista da escola coimbra. E quando todos esperavamos d'esto grande espirito os mais extraordinarios poemas e os mais soberbos livros philosophicos, a doença veio aniquillal-o, o poeta fez-se um anachoreta, e só de tempos a tempos algum amigo lhe ouve recitar uma esplendida poesia, ou lhe obtem um maravilhoso soneto, como estes colligidos em volume pelo nosso brilhante collaborador Joaquim d'Arújo. Anthero do Quental é natural dos Açores, d'estas ilhas que nos nossos tempos, além de Anthero, mandaram para o continente Theophilo Braga e Manuel d'Arriaga.

RAMALHO ORTIGÃO

Vêmel-o primeiro folhetinista do *Jornal do Porto*, auctor das *Contas côr de rosa*, depois auctor d'um livro do dandy sobre Paris. Mais tarde dá o braço a Eça de Queiroz e escrevem ambos as *Farpas* e o *Crime da Estrada de Cintra*. Depois ficou só com as *Farpas* quando Eça foi nomeado cônsul para o estrangeiro; volta em 1878 a Paris, e escreve uma soberba serie de *Notas de viagem* sobre a exposição e sobre a capital franceza. É um dos mais importantes, mesmo o mais importante organisador do centenário de Camões. E na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, ha muitos annos que publica as suas famosas *Cartas portuguezas* que lhe tem valido uma extraordinaria reputação em todo o imperio. Ha dias publicou o seu novo volume *A Hollanda*. É um livro que n'uma bibliotheca tem um lugar marcado entre os livros de Taine pela seriedade critica e maravilhas d'estylo, e entre as chronicas de Rochefort e as notas de viagem de Karr e de Mory pela graça, vivacidade, ligeireza, humorismo e brilho como conta os episodios comicos que encontrou na sua passagem. Com Eça de Queiroz e Junqueiro, Ramalho forma a grande trindade litteraria que

maior influencia tem exercido n'estes últimos quinze annos em Portugal e Brazil.

GUERRA JUNQUEIRO

É o famoso companheiro de João Penha e de Gonçalves Crespo, o ultimo d'esta bella bohemía litteraria de Coimbra, hoje inteiramente morta. Foi em Coimbra que a sua ruidosa mocidade se passou; e foi em Coimbra que elle teve o famoso duello poetico com João Penha, tão brillantemente descrito n'um artigo de Gonçalves Crespo publicado na *Renasença* do Porto, este bello jornal de Joaquim d'Arco que viveu o que vivem as rosas...

Tambem foi em Coimbra que elle começou a trabalhar n'esta *Aberte de D. João*, que d'uma vez attirou com elle para a celebridade. E publicado que foi este seu primeiro poema, Junqueiro ficou sendo considerado como o primeiro poeta portuguez. Occupando o lugar da *primeira*, já tínhamos João de Deus e Anthero do Quental. Junqueiro não veio de modo algum deslustrar os — o que veio, foi ser o primeiro dos poetas portuguezes sabendo remover as entre-las do publico, sendo ao mesmo tempo o regulo dos mais exigentes paladares artisticos.

Tambem em França ha *primeiros* que se chamam Lecomte de Lisle, Théodore de Banville, Gautier, Nerval, Baudelaire, Musset, uns vivos outros mortos — e em todo o caso Victor Hugo não deixava tambem de ser um *primeiro*, mas um *primeiro* que era applaudido desde o fundo d'um *atelier* de ferreiros de Belleville, até nos bancos da Academia franceza. Guerra Junqueiro pertence aos *primeiros* d'esta categoria.

Depois da *Morte de D. João*, appareceu a *Musica em Férias*. Depois *A Velhice do Padre Eterno*. Acerca d'este livro teráo occasião de ler os nossos assignantes, n'outro lugar da *Illustração*, a critica do nosso director.

DOIS AUTOGRAPHOS

DIZERAMOS reunir n'este numero autographos dos cinco escriptores cujos retratos publicamos na nossa primeira pagina.

Infelizmente falta-nos o espaço, e vemos-nos obrigados a deixar para o proximo numero uma poesia de Guerra Junqueiro, uma poesia de Anthero do Quental e um trecho de prosa de Eça de Queiroz. Hoje limitamo-nos a offerecer nos nossos leitores uma pagina inedita de Ramalho Ortigão, do seu livro *John Tenorio Bull* prestes a sahir, e um trecho do original de Oliveira Martins tirado da *Historia romana*.

Placem, pois, transferidos para o proximo numero os outros preciosos autographos que temos em nosso poder, entre elles um soneto *Evolução* de Anthero do Quental, inteiramente inédito.

Como vêem os nossos leitores, a *Illustração* só pensa em lhes offerecer todos os quinze dias verdadeiras novidades e verdadeiros primores.

O CINCOENTENARIO DOS CAMINHOS DE FERRO

NA BELGICA

POR occasião do cincoentenario da inauguração da sua primeira linha de caminhos de ferro para viajantes, que foi tambem a primeira inaugurada sobre a Europa, a Belgica organisou festas brillantissimas.

O rei Leopoldo I. inaugurou a linha de Bruxellas a Malines, a 5 de maio de 1835: mas só trez mezes depois é que se fez a celebração do cincoentenario, para que coincidissem com o da independencia belga.

O programma dos festejos terminava por um grande cortejo historico dos meios de transporte desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. Esta parte do programma era a mais bella, a mais brillante, e foi a mais applaudida. Esta pittoresca e artistica reconstrução do passado, formava um espectáculo unico, realçando pelo brilho das cores, pela rica variedade dos numerosos carros, e brilho

dos costumes, em numero de oitocentos, levados por grupos d'homens, de mulheres e de crianças, que davam a esta imponente de illar uma excepcional animação.

A *Illustração* pôde obter d'um album artistico publicado em Bruxellas pelo editor Rozé, uma serie de encantadores desenhos de Armand Heins, que darão aos nossos leitores uma ideia exacta e fiel d'alguns trechos d'este cortejo magnifico e sem precedentes.

Trenins, carrões, hieiras, enapés, malla-postas, diligencias, tramways, wagons, toda a serie de vehiculos conhecidos, esquecidos ou ainda em uso, são representados n'estas bonitas e delicadas illustrações, onde tambem se achá representado o bello carro triumphal da *apothéose* dos caminhos de ferro, dominado pela locomotiva moderna, que já deixou tanto para traz os metos de transporte que ainda foram o unico recurso de nossos paes.

Reproduzimos estes desenhos e offerecemo-los aos nossos leitores por que são verdadeiramente bellos, e por que lhes mostram bem evidentemente mais uma vez o quanto ao povo ganha com melhoramentos materiais. A Belgica ainda é um paiz roido por dissensões politicas. Mas aparte as guerras entre o partido liberal e o partido reaccionario, e aparte as pretensões bullofas de Leopoldo II no Congo e em outras aventuras — o povo belga não se esquece de que a sua prosperidade, a sua grandeza, não lhe vem da politica mas sim da industria.

Oxala que em Portugal nos decidissemos a pensar do mesmo modo — que cada cidadão pensasse mais em ser um homem de trabalho do que um influente eleitoral... E o paiz havia de sahir brillantemente do abatimento em que o põe a Politica — esta senhora que em vez de morar em S. Bento, deviam metter quanto antes no Aljube!...

O PASTOR

ESTE delicioso quadro do brillante artista, é um dos que mais successo tem tido nos *Salons* de Paris, d'estes ultimos annos. Julien Dupré achou na sua paleta as mesmas tonalidades e o mesmo sentimento que constituiu todo o encanto das obras-primas de Millet. O *Pastor* é uma tela de grande valia, que nós não hesitamos em apresentar aos nossos leitores como uma das obras mais sympathicas da já vasta galeria artistica da *Illustração*.

JORNAES E JORNALISTAS

ROCHEFORT E O INTRANSIGENTE

DOME de Rochefort de novo esteve na evidencia. A proposito da morte de Olivier Pain, o jornalista francez em viagem no Egypto, que, segundo todas as probabilidades, foi fusilado pelos inglezes que o julgavam um conselheiro do Mahdi — Rochefort, no seu jornal o *Intransigent*, sustentou uma vigorosa campanha contra a Inglaterra. Apoiado em documentos importantissimos que lhe foram communicados pelo sr. Selikowitch, um professor de linguas orientaes que o proprio estado-maior inglex tomou ao seu serviço para lhe servir d'interprete no Sudán — Henri Rochefort, em artigos que ficaram celebres, atacou com uma violencia extraordinaria o ministro inglex em Paris, a rainha de Inglaterra e o príncipe de Galles. As agencias telegraphicas encarregaram-se de transmitir aos jornaes diarios as noticias d'essa campanha, e escusado é occuparmos largamente os nossos leitores d'um assumpto que elles devem já conhecer.

A impossibilidade em que se acha o governo francez de pedir explicações a Inglaterra sobre o facto inaudito do fusilamento d'um jornalista que andava apenas tomando apontamentos no Egypto para mandar correspondencias aos jornaes de Paris, principalmente ao *Figaro* — baseia-se no seguinte: O sr. Selikowitch, apesar de ser um homem de bem, um professor distincto altamente recommendado

pelo sr. Renan, e um particular e competentissimo não pôde em absoluto ver a diante das acções do governo Walsley, que não teráo sido bem fundadas pelos seus soldados. Era necessario obter o testemunho d'uma autoridade civil e de um militar, para a França poder collegadamente pedir explicações.

Por tanto, é de crer que fique impada semelhante crime. Desde o momento que os inglezes possam a prova a cabeça do Olivier Pain, as linhas de premio a quem o trouxesse morto ou vivo, e declararam depois os proprios inglezes, que elle era portador d'importantissimos do Mahdi, como é que os inglezes sabiam que elle trazia tais papeis — sem lhe terem mentido as mãos nas algibeiras? E desde o momento que o tinham em seu poder, qual a sua vantagem era de fazerem-se d'ella, segredando revelações nos jornaes de Paris.

Quanto a Henri Rochefort, apesar de muito barba, a ver apenas através as barbas da o sangue da Comuna, é um dos primeiros jornalistas de Paris, um chronista de primeira ordem como Wail, Scholl e Froquier, um humorista digno descendente de Rabelais, e tendo tanto espirito como Karr, o Karr de ha vinte annos.

No *Intransigent* e Rochefort um admiravel polemista, o famoso *lancetiero* do desmiche do segundo imperio, escrevendo dia a dia um artigo com uma graça e um vigor proprios dos vinte annos. E no *Gil-Blas* sob o pseudonymo de *Henri Rochefort* é o brillante chronista, o escripto e extraordinario escripto sabendo arrastar a semana parisiense as observações mais comicas e as mais deliciosas paradas.

Rochefort na chronica e na polemica politica é o nosso mestre. Foi o mestre de Ramalho Ortigão nas *Farpas*, e aquelles que desejem conhecer o litterato, o fino escripto moderno, recommendamos-lhes o seu ultimo livro *Les français de la decadence*, onde estão reunidas as chronicas que elle escreveu nos ultimos annos do reinado de Napoleão III.

A *Illustração* publicando hoje o retrato de Rochefort, e uma redução photographica do seu jornal, orgulha-se em prestar publicamente uma homenagem de respeito ao illustre chronista e ao brillante pamphletario que tem sabido sempre conservar a sua penna intacta, sem mancha, e que tem sabido sempre sustentar com a ponta do seu honrado florete, as afirmações feitas nas columnas do seu jornal.

O DRAMA E A MUSICA

POR toda a parte, em Paris, em Lisboa, em Saint-Petersburgo, os theatros abrem as suas portas de par em par, e o *Drama e a Musica* começam a attrahir ás salas d'espectaculo um mundo pittoresco e feliz, o mundo que se diverte.

Em Lisboa a epocha promette ser de veras brillante. O drama surge-nos em *D. Maria* no dia 24 de setembro, segundo nos o affirmam os jornaes, representado na *Arlesienne*, uma peça adoravel de Alphonse Daudet, traduzida para aquelle theatro pelo nosso director Mariano Pina. O drama de Daudet tem um precioso acompanhamento d'orchestra devido a Jorge Bizet, o brillante artista que escreveu esta obra-prima *Carmen*, que Lisboa applaudiu o anno passado com tanto enthusiasmo. A musica d'*Arlesienne* não é inferior; é d'uma poesia extraordinaria, e oxala que os executantes de *D. Maria* lhe possam imprimir o colorido que a partitura exige. Quanto a peça a que o nosso collega do *Diario de Noticias* de Lisboa chamou ha dias «um melodrama triste e temos a acrescentar que é simplesmente um drama, um drama de familia, sem situações violentas, impregnado d'um grande sentimento e possuindo preciosos dotes de observação. E uma obra para collocar ao lado da *Evangelista* e da *Sapho* romances devidos a penna do mesmo auctor.

Depois da *Arlesienne* que deve subir á scena em beneficio da actriz Virginia, *D. Maria* irá apresentando o *Othello* para beneficio de Brazão, e *Severo Torelli* de Coppée, e *Clara Soleil*.

Quanto ao assumpto *Musica*, o que sabemos por enquanto é que ainda nada está decidido acerca

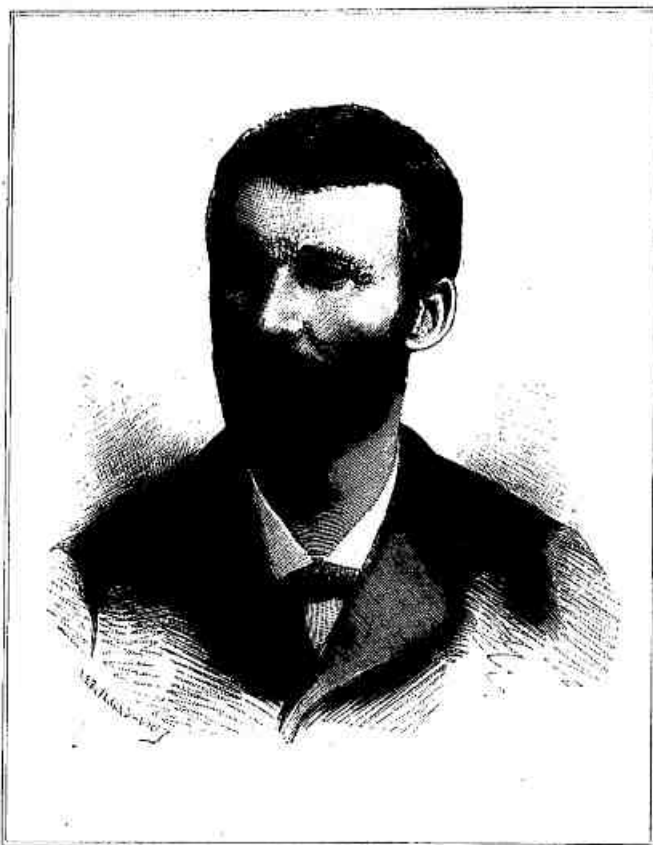
das representações da Paati em Lisboa, e que só veio cantar a Pa-ria quando o cholera tiver sahido de França.

E para solemnisar a abertura dos theatros, a Illustração o melhor que podia offerazer aos seus leitores era a reproduçáo d'estes dois soberbos frescos de Clairin, o illustre pintor francez, um mestre da nova geração, o mesmo que pintou os admiraveis frescos do Eden de Paris. O Drama e a Musica foram pintados no theatro de Cherburgo, construido ha pouco tempo, e que custou para cima d'um milhão de francos (180 contos). São duas soberbas composições — uma, tenebrosa e sombria, envolta em clarões d'inconito; outra, toda graça e ingenuidade sobre um delicioso azul de céu.

Lembramos aos nossos leitores a propósito de theatro, que a Illustração acompanhará com gravuras os grandes successos parisienses da epocha de 85-86, e que na sua secção de musica para piano publicará trechos das melhores operas e operetas que se cantam nos theatros de Paris.

OLIVIER PAIN

Ao fallarmos de Rochefort e do Intransigente, já nos occupámos do triste fim do jornalista francez cujo retrato hoje damos. O seu desaparecimento subito causou grande indignação em França, e



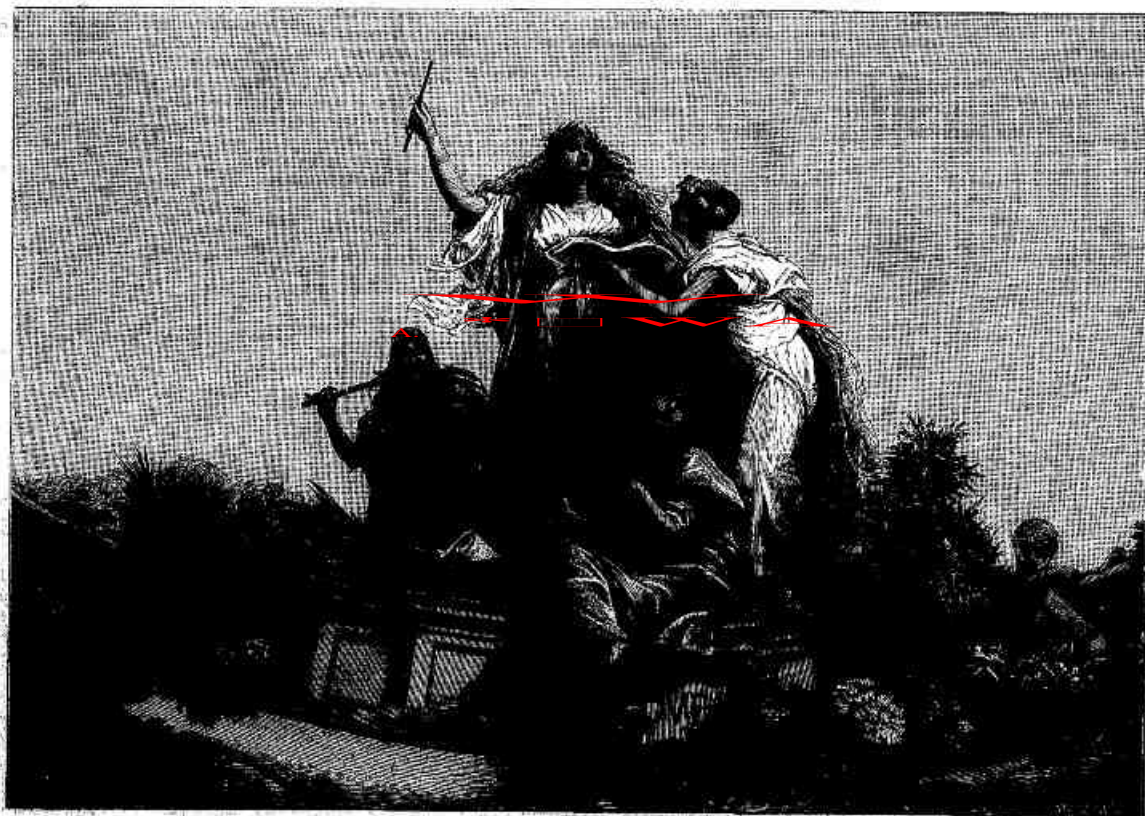
OLIVIER PAIN

poderia ter havido uma complicação diplomatica com a Inglaterra se por acaso tivessem havido provas officiaes, para oppôr ás affirmações dos generaes inglezes.

Olivier Pain andou ligado á historia da Comuna, sendo deportado com Rochefort para a Nova-Caledonia, donde se poudo evadir. Veio então habitar a Suissa, e quando se declarou a guerra entre a Russia e a Turquia, Pain foi para o campo, donde mandava correspondencias para os jornaes de Paris. Quando os russos venceram, o jornalista achava-se em Plewna, ao lado de Osman-Pacha. Foi feito prisioneiro, chegaram mesmo a haver certos provas de que elle tinha combatido os russos ao lado dos turcos — mas o czar Alexandre II fez-lhe mercê da cabeça, por ter conhecimento do espirito arrojado e aventureiro do jornalista francez. Quando depois entrou em Constantinopla, partilhou das mesmas ovações que se fizeram a Osman, seu amigo.

Em 1883, sempre em busca do desconhecido, elle a caminho do alto Egypto, através do deserto, para se appressimar do Mahdi. Disse-se mesmo na Europa que Pain era o seu conselheiro, e que a derrota dos inglezes no Soudan tinha resultado d'um plano do jornalista francez communicado ao Mahdi.

Assim se fez uma lenta em volta do arrojado e distincto jornalista; e lenta foi elle, que os inglezes foram menos generosos que o czar — mandando-o fusilar sem mais demora. E o que se



A MUSICA — COMPOSIÇÃO DE G. CLAIRIN



CONFLICTO HISPANO-ALLEMÃO. — AS MANIFESTAÇÕES EM MADRID

conclui em Paris de todas as informações colhidas entre particulares que chegam do Egypto.

O CONFLICTO HISPANO-ALLEMÃO

Da nossos leitores conheçam de sobejo todas as peripécias d'esses imponentes manifestações que se fizeram em toda a Hespanha, para que façamos aqui a historia. A arrogancia com que a Allemaanha arvorou a sua bandeira na ilha de Yap, não podia de modo algum deixar de arrancar um enorme clamor a este generoso e entusiastico povo, irmão do povo portuguez, tão nobremente meticoloso em todas as suas questões de dignidade nacional. E a grande, a indistricivel-wandade, é que apezar da grave e pesada Allemaanha considerou o povo hespanhol como um D. Quixote, nem por isso D. Quixote deixou de adquirir as sympathias de todas as nações pela energia com que se oppoz ás pretensões do sr. de Bismarck — porque n'esse transe diffiçil em que elle pôz em risco a propria vida, não dobrou nem um só instante a altivez do seu caracter, nem o arrojo da sua coragem. «A força opprime o direito» dizem os allemães. Mas quando a razão está do nosso lado, um homem franco vale por cinco valentes. E por isso que todos os povos latinos applaudem a coragem de que os hespanhoes deram prova, e oxalá que os portuguezes saibam responder com a mesma energia a qualquer conflicto internacional que d'esta grave questão ainda possa surgir.

Nós não podemos de modo algum informar os nossos leitores do que se passa dia a dia em Madrid e em Berlim — porque não somos um jornal diário. Mas o que a *Illustração* vai ser em Portugal e Brazil é o unico jornal para poder dar pela gravura a representação de todas as scenas que possam ser vistas com interesse por todos quantos nos lêem. As ligações que temos com os jornaes de Paris, de Londres e de Madrid permittem-nos, como a mais nenhum outro jornal, offerecer um conjunto de interessantissimas gravuras, dado o caso que o conflicto ainda tome proporções que n'este momento não podemos prever. Em todo o caso chamamos já hoje a attenção dos nossos leitores para o proximo numero da *Illustração*.

A gravura do presente numero representa a primeira manifestação em que tomaram parte cerca de 200,000 mil pessoas, passeando pelas ruas de Madrid aos gritos de «Viva a Hespanha!» «Viva a integridade da patria!» — no momento em que a multidão passeava na calle d'Alcala em frente do palacio da presidencia, mandou arvorar na varanda a bandeira hespanhola.

No proximo numero esperamos poder dar outras gravuras sobre o mesmo assumpto.

AO MAR

Na concha colossal das verdes agitas,
Nesse teu seio, ó gigantesco mar!
Deixa que eu diga o coração das magnas
E vá no fútil o meu amor lançar...

Porto 1885.

Albino da Patroia,

A ARLESIANA

A *Illustração* publicará no proximo numero quatro das principaes scenas da *ARLESIANA*, o bello drama de Daudet que vai ser posto brevemente em scena no theatro de D. MARIA de Lisboa. Os quatro desenhos são devidos ao lápis do nosso collaborador Adrien Marie.



A VELHICE

10

PADRE ETERNO



HEMÁN appareceu á venda o novo poema do nosso illustre amigo Garrett Junqueiro, todos os jornaes de Portugal fizeram extratos do livro, e em poucos dias quasi toda a obra andou em ralhais pela imprensa. A *Illustração* que não pode concorrer em certas estimulações com os jornaes diários — pois simplit e assim eloquente razão que é uma folha quinzenal! — viveu quasi na difficuldade de não poder offerecer aos seus leitores um tratado que já não estivesse lido e relido. Mas passada a febre das transcripções, vimos que algumas das poesias que consideramos das mais notaveis do livro, tinham escapado á thesoura dos nossos collegas, podendo a nossa portante entrar em actividade. E é por isso que em seguiu publicamos a mais bella passagem da *Stigma Santa*, quando Voltaire se despiu de Jesus e o doou ao, no inferno de Londres. A sua fragmento d'uma tão grande elegancia dramatica, segua a poesia a *Arvore do Mal*, tambem uma das que mais hão de contribuir para que o novo poema de Junqueiro viva por muito tempo ligada á historia littaria do nosso século.

A SEMANA SANTA

(V KAGMENTO)

E Arquet patético, saltando uma cruel risada.
E Jesus flectiu vi na noite desolada,
N'aquella colossal Babilonia impudente,
Entre quatro milhões de almas — quatro milhões
De fígures, de reptis, de abutres e de leões
Agachados na comba amedrontadamente!...

Quem a visse do alto essa Londres deserta
Com a fogaescencia esmorecida, incerta
Da luz do gaz a arder sob um céu tumular,
Judgaria estar vendo um grande monstro escuro,
Como que um Leviathan patético n'um monturo
Inanimo a fermentar.

A noite era sinistra. Os ventos a galope
Resfregavam como as forjas d'um cyclope
Com nubes de alienado e rugidos de feras.
E o mar bramava ao longe athletico, espumante,
Qual marmita profusada a ferver trevoante
Sobre cem mil crateras.

E Christo foi andando errante, vagabundo
Attonet d'essa vasta imperatriz do mundo,
Opulenta Gomorra hidrapica de Vicio,
Que Deus não encobriu talvez, como costuma,
Porque, além de estar caro o enxofre, Deus em suma
Não pode arrolar-se em fígura de artifício.

E elle ia vendo os mil palacios portuosos
Onda a bresta foziz dormia, ebria de gosos,
Um infeliz samoa,
Em quanto que a missões amonina, esfaimada,
As tres da madrugada
Disputava o jactar no enxofre aos céus sem dupe,

As altas cathedraes, donde a burguezia
Vai arrutar um pouco a missa do meio dia,

Tuham como que o ar d'um theatro fechado
O aspecto mercantil d'um armazem colosso,
Em que Deus ao belcáo vende os dogmas por grosso
E a cobiça por atacado.

Os bancos, Patriarchais do milhido, monumentos
De mármore e granito e bronze, somnolentos
Molochs, cuja pauga obesa é um matadouro,
Na virtuosa piaç de monstros em descanço
Digeitem de massa
Nos seus ventres de geyro um fútilahat d'ouro.

Nos muitos hospitais, onde enfiu a desgraça
Tão a consolação de agonisar de graça,
Santos, monstros, hereses, — Fraguans, Valguens, Plurimes
Aveluam no exterior do tranço derradeiro,
— Lixo que um bonfo vai entregar a um cozeiro
Para coctar aos pés.

E era aquella immundície humana e humanidade!
Tinha salido bem a pena na verdade
Fregado n'uma cruz morreo como um ladrão,
Para ao cado de dois mil annos vir achar
Pijacos sobre o throno e Caifaz sobre o altar
De dialuma na fronte e baculo na mão!

Arrojouse de petição o olhar do Nazareno,
Aquella olhar profanado, aquelle olhar sereno
Que outr'ora deu alivio a tantos corações,
E a filha virginal do seu populi sacro
Turvou-se, apresentando o aspecto mudo e grato
Das nobres affliges.

E marmoso, espectral, com a fronte sombria
Bailhada no suor sangrento da agonia
Foi deitar-se sobre vez na leira tumular,
Athleta que expirou transido de mil dores
E quer dormir, dormir entre as heras e as flores
Onde correte pisdosa a branca híz do luar.

E quando a christandade á volta do meio dia
Correu ao templo a ver o extremo da Alleluia,
Em logar d'um Jesus banal de ciclorama
Substituto noifromamente,
D'olhos aquies n'um céu d'anil, tinniz ao vento,
Sobre nubes de gloria e de algalido eu rama,

Viu-se na tela um Christo em fúria, um visionário,
Truizento, fozel, colérico, incendiário,
Como que um salvador fúgido das galés,
Na bocca uma blasphemia e no olhar um archote,
Espalhando da egreja os christãos a chicote
E expulmando do altar o papa a pontagés!

A ARVORE DO MAL

Por debaixo do aquil sereno, entre a fraguetia
Dos mirtos, dos rosas,
Viviam n'uma doce e n'uma eterna infancia
Nossos primeiros faze.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
Das coisas ignorantes.

Por Deus n'esse jactar com sua mão astuta
Ao lado da innocencia
A Arvore do Mal que produzia a fructa
Venenosa da sciencia.

E, apezar de conter venenos homicidas
E o germin do peccado,
Era Deus quem comia á noite, de escondidas,
Esse fútilahat vedado.

Por isso Jactava tinha sciencia inflada,
Tinha um poder secreto,
E Adão que não provava o fútilahat era a vida
Um alijo amalfabeto.

ODÉON

Tem dado uma série de representações de *Macbeth*, tradução de Jules Lacroix, sendo o papel de lady Macbeth desempenhado pela actriz Roussell. Para ainda uma reprise da *Arlesienne*, de Daudet, sendo a orquestra dirigida por Colonne, e depois occupar-se-ha das peças novas.

GYMNASÉ

Continúa em scena com o *Maitre de Forges*, de Georges Ohnet, que a burguezia de Paris continúa a applaudir com enthusiasmo. Depois pará em scena um drama *Les Mères repentines*, e um drama original de Octave Feuillet. No *Maitre de Forges* os dois principaes papeis são, como na epocha passada, desempenhados por Mme Jennie Hading e por Darnita.

GAITÉ

Enquanto não termina os ensaios da nova opereta-magica para que foi expoesamente escripturado o famoso Baron, das *Variedades*, — vai explorando a ultima vog do *Grand Mogol*, de Audran, o nuctor da *Mascotte*.

VARIEDADES

Abrio com um vaudeville-pantomima em que entra o celebre grupo dos excanticos Hannon-Les. O vaudeville é muito fraco, mas a pantomima dos clowns inglezes agrada bastante, o que faz com que o theatro se encha todas as noites. A peça intitulada: *O Naufragio de M. Godet*.

VAUDEVILLE

Enquanto não recebe das mãos de Sardou o seu novo

drama em tres actos, cujo titulo e cujo assumpto ainda se ignora, porque Sardou detesta as revelações e as indiscrições de bastidores — vai-nos offerecendo todas as noites esse famoso *Bébé*, que ha annos no *Gymnase* de Lisboa, valeu um ruidoso successo a Antonio Pedro. Tanto Antonio Pedro em Lisboa, como Joy em Paris, no extraordinario papel de *Pétillon*, vão admiravelmente; Polla foi muito superior a Michel no papel da Kernanigou; e o papel de *Bébé*, desempenhado por Mello, foi tão bem interpretado como o é em Paris. Palavra que tive um grande prazer em assistir a esta reprise, por ver na em Lisboa se sabe representa esplendidamente. O fraco da representação lisboense foi a *mise en scène*, sobre tudo aquelle 2.º acto a que fathou todo o brilho, todo o movimento, toda a febre, toda a *canaille* da vida parisiense.

PALAIS-ROYAL

Não anda em maré de fidelidade. Já o anno passado a epocha lhe correu mal por falta de peças boas. E este anno poucas esperanças ha de ver em via de successo este bello theatro onde tanto se tem rido. Passa as noites a offerecer ao publico uma comedia da outra epocha, *Les petites voisines*, que chama ao theatro pouca concurrencia.

NOVIDADES

Pôz em scena um vaudeville em 3 actos: *La Cantinière*. É uma peça feita e refeita sobre todos os moldes conhecidos e gastos. Mas ha de dar pelo menos umas cem representações, porque o theatro é muito frequentado pelo demi-monde de Paris.

FOLIES-DRAMATIQUES

Abrio com uma reprise do seu grande successo da epocha passada — *Les petits Mousquetaires*, opereta ex-

traída dos *Trois Mousquetaires* de Alexandre Dumas. Encantou todos as noites.

MENUS-PLAISIRS

Ainda, e sempre, e sempre *Mascotte*!... Tem corrido todos os theatros ligeiros de Paris, tem sido cantada por todos os cantores de opereta, e a nova reprise ainda encontra publico em Paris, a ainda é applaudida e ouvida com o mesmo prazer com que foi ouvida e applaudida ha seis annos.

THEATRE DES NATIONS

Continúa a cultivar o drama e o dramalhão. O que tem actualmente em scena chama-se *Pleuvre*, e accusado será dizem-lhes que ha a reparação saduzida, o homem generoso que lhe dá a mão e casa com ella, o traidor que assassina, o innocente que tenta suicidar-se, e o avarento que morre assassinado. Todas as commoções valentes em 5 actos e um prologo... e um prologo!

AMBIGU

Um drama historico intitulado: *Luiz XVI e Maria Antonieta*. — e *Sala, sr. conde, sala!*... A aristocracia já morreu... O povo é que é soberano! Accusado será necessitar que se chora a partir do 2.º acto.

HIPPODROME

Continúa explorando o seu grande successo d'este anno — a famosa pantomima intitulada — *Congo*. E cada mais por hoje...

BASILIO.

MEALHA & DIPLOMA DE HONRA



OLEO DE FIGADO DE BACALHAU FERRUGINOSO
DE CHEVRIER, PARIS

Recomendado pela Academia de Medicina de Paris, e por todos os médicos de nome. É o único que contém o ferro puro e a mais preciosa substancia do fígado de bacalhau.

Repetição geral em PARIS: Rua de Valenciennes, 21

Tratamento curativo da PHITISIA PULMONARE, das AFFECÇÕES crônicas das VIAS RESPIRATORIAS



CAPSULAS MOLLES
DE BOURGEOUD

CREOSOTE VERDADEIRO
(do Alcatraz de fava) com OLEO DE FIGADO DE BACALHAU PURO

Bourgeois, Pharmacien de 1.ª Classe, FABRICANTE da CAPSULA MOLLE, Fournisseur des Hôpitaux de Paris

PARIS, 20, RUE RAMEAU, 20, PARIS

Estas Capsulas (Pilhas e Doses) foram experimentadas e empregadas nos Hospitais de Paris pelos Profs. e Dto's: Bouchard, Verhey, Pouchet, Bouvier, etc. e foram sempre de grande utilidade no tratamento das Maldores do Pulmão, das Bronchites, Tosse, Chloreses, etc., que não se podem curar com os remédios ordinários. Medicação de Frango e outros países. Como garantia de não se enganar, os nomes de BOURGEOUD e CAPSULA MOLLE estão impressos em cada uma das Capsulas e o nome de BOURGEOUD, em Pharmacia, dos Hospitais de Paris (Lettres e Prospectus). — Preço de cada Caixa de 10 fr. — VINHO ou OLEO CREOSOTE. O cada Garrafa: 1 fr. DEPOSITO NAS PRINCIPAES PHARMACIAS

CUTIS DO ROSTO
— L'ART ANTI-EPIDERMIS —



O LEITE ANTEPELICO
para o rosto misturado com agua, dissipa
SARDAS, TIZ, CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS
ROSTO SARDABULHENTO
E FARINACEO
RUGAS
&
limpa e conserva a cutis fina e clara

PARIS, 22, RUE D'ORFÈVRE, 22

KAROE
Pilulas Rébillon

Com IODATO DE POTASSIO e QUININA

Essas pilulas são Chloroform, Flores brancas, Bayreuth e deodoradas da manufatura. Doenças do peito, Dores de estomago, Gastralgia, Rachitismo, Escrofulas, Febres simples, Doenças nervosas.

He o unico remédio que se deve empregar em todos os casos de qualquer natureza.

Vem o folheto que acompanha cada frasco

VENDIDOS APENAS EM PARIS:
Cm. VIMARD & PETIT, 4, rue de Paris-Royal
Deposito nos Rio-Janeiro e em Província, em todas as Pharmacias e Droguarias.

OPPRESSÕES ASTHMA NEURALGIAS



Aspirando o fumo, penetra no Pulmão, calma o systema nervoso, facilita a expectoração e favorece as funções dos organos respiratorios. (Script e assinatura: J. ESPIC)

Venda por maior 100, rue Saint-Lazare, Paris.

Em todas as Pharmacias de Portugal: 3 fr. a caixa.

MACHINAS para Telhas e Tijolos



Machina de Osmo — Prêmio na Exposição Universal de 1878

BOULET, LACROIX & Co

Constructores-Mechanicos
23, rue Richer-Saint-Martin, 23, PARIS

Agencia e GATELAGO ILUSTRAÇÃO e quem paga por carta registrada.

ALIMENTO PARA AS CRIANÇAS

Alimento das senhoras e das pessoas jovens.

PARA fortalecer a Criancinha e as pessoas fracos de peito, do estomago, de quem soffrem de Chloreses ou Eclampsia, o mel e a mais agradável Alimento de BACALHAU e de ARABES, Alimento nutritivo e reconstruente de BACALHAU, de Paris. — Deposito em todas as Pharmacias do Brasil.

Recompensa Nacional 16.600 fr.



QUINA LAROCHE
ELIXIR VINOSO

RECONSTITUENTE E TONICO
Enfraquecimento, Doenças da Estomago, Febres Invasoras, etc.



QUINA LAROCHE
Elixir Vinoso
FERRUGINOSO

Pobrezas do Sangue, Anemia, Chloreses, Debilidade, etc.

PARIS, 22, rue Drouot, e Pharmacias.

MOLESTIAS DO ESTOMAGO



ELIXIR GREZ

Chloroform-Pepsina
TONICO-DIGESTIVO
Compõe de Quina, Coca e Pepsina
MEDICINA DOS HOSPITAIS
Receitada por todos os Medicos
Ph-OREZ, 34, rue de la Harpe, PARIS
em todas as Pharmacias

HYGIENE DAS CRIANÇAS

Por DR. ROBERTO RODRIGUES

Um folheto... 200 REIS PORTUGUEZES

A' Venda na Biblioteca Horta Romantica, rua da Alameda, 43, Lisboa, e nas principais livrarias.

Academia de Medicina de Paris



OREZZA
Agua Mineral Acido-Ferruginosa. — Esta Agua não tem rival no Tratamento das Gastralgias, Chloreses, Febres, Anemia, e de todas as doenças provenientes do EMPBOECIMENTO DE SANGUE.